


Crítica à religião no pensamento de Dietrich Bonhoeffer

Criticism of religion in the thought of Dietrich Bonhoeffer

Carlos Ribeiro CALDAS FILHO¹

 0000-0003-0472-7250

Resumo

Dietrich Bonhoeffer (1906-1945), teólogo luterano alemão, foi um dos principais pensadores cristãos do século passado. Membro da resistência alemã a Adolf Hitler durante a Segunda Guerra Mundial, tornou-se muito conhecido por ter se envolvido em uma conspiração para assassinar o *Führer* ("líder"), tendo sido preso após o fracasso da tentativa e, posteriormente, executado por ordem direta do próprio Hitler. O presente artigo apresenta, posto que em síntese, a crítica – teológica – à religião no pensamento de Dietrich Bonhoeffer. Para tanto, o artigo seguirá o seguinte roteiro: 1) apresentação de Bonhoeffer e dos principais temas de sua teologia; 2) a interação de Bonhoeffer com a filosofia de Friedrich Nietzsche, conhecido por sua crítica à religião no século XIX, e 3) o conceito de cristianismo arreligioso de Bonhoeffer, que em si é uma crítica à religião. Por fim, o artigo tenta responder a seguinte pergunta: qual foi a compreensão de religião que Bonhoeffer criticou?

Palavras-chave: Cristianismo arreligioso. Filosofia e religião. Friedrich Nietzsche.

Abstract

The German Lutheran theologian Dietrich Bonhoeffer (1906-1945) was one of the most outstanding Christian thinkers of the last century. A member of the German resistance to Adolf Hitler during the Second World War, he became very well known for being involved in a conspiracy to murder the Führer ("leader"). He went to prison after the fiasco of the attempt and eventually was killed by a direct order from Hitler himself. This article presents, even in sum, Bonhoeffer's (theological) critique of religion, and it will follow this outline: 1) a brief presentation of Bonhoeffer and the main themes of his theology; 2) Bonhoeffer's interaction with Friedrich Nietzsche's philosophy; and 3) Bonhoeffer's concept of religionless Christianity, which is in itself a critique to religion. As a conclusion, the article tries to answer this question: what understanding of religion did Bonhoeffer criticize?

Keywords: Religionless christianity. Philosophy and religion. Friedrich Nietzsche.

Introdução

A cena intelectual da Europa ocidental no século XIX (e na virada para o XX), nos campos da teologia e da filosofia da religião, testemunhou o surgimento de um tema, no mínimo, surpreendente:

¹ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Instituto de Filosofia e Teologia Dom João Rezende Costa, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Av. Dom José Gaspar 500, Coração Eucarístico, 30535-901, Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: <ccraldas2009@hotmail.com>.

a “morte de Deus”. No nível do senso comum, quando alguém menciona “morte de Deus”, a ideia é imediatamente associada a Friedrich Nietzsche (1844-1900), que falou a respeito em textos que se tornariam bastante conhecidos, como a “parábola do louco” em seu clássico “Die fröhliche Wissenschaft” – “A gaia ciência” em português (Nietzsche, 2004). Se Deus está morto, a religião também estará. Por isso, como consequência lógica e imediata de seu raciocínio, Nietzsche dirá a respeito do louco: “Conta-se ainda que este louco entrou nesse mesmo dia em diversas igrejas e entoou o seu *réquiem aeternam deo*. Expulso e interrogado teria respondido inalteravelmente a mesma coisa: ‘O que são estas igrejas mais do que túmulos e momentos fúnebres de Deus?’” (Nietzsche, 2004, p. 116, grifo do autor). Se não há Deus, não há então mais necessidade de templos, ritos ou liturgias.

Mas Nietzsche não foi o primeiro a pensar dessa forma. Antes dele, seu conterrâneo Ludwig Feuerbach (1804-1872) havia proposto a mesma temática. Uma simplificação do pensamento feuerbachiano, certamente complexo – a simplificação é aqui apresentada apenas e somente para fins didáticos – pode ser expressa na fórmula *teologia = antropologia*. Conforme o filósofo,

A consciência de Deus é a consciência de si do homem, o conhecimento de Deus é o conhecimento de si do homem. Pelo seu Deus conheces o homem e, vice-versa, pelo homem conheces o seu Deus; é a mesma coisa. [...] Deus é o interior revelado, o si mesmo do homem expresso, a religião é o desvendamento festivo dos tesouros escondidos do homem, a confissão dos seus pensamentos mais íntimos, a proclamação pública dos seus segredos de amor (Feuerbach, 2002, p. 22).

Se para Feuerbach a teologia é antropologia, o que seria a religião? Para ele, religião é poesia:

Só combato a religião enquanto ela não é poesia, mas sim uma prosa vulgar. Com isto chegamos agora a uma restrição essencial da frase: religião é poesia. Sim, ela é, mas com a diferença da poesia, da arte em geral, que a arte não toma suas criações por coisas que não são, mas simplesmente por criações da arte; mas a religião considera suas entidades fictícias como entidades reais (Feuerbach, 1989, p. 154).

Eno contexto do tema “morte de Deus” (apesar da expressão, conforme afirmado, estar associada ao nome de Nietzsche, ela é usada na introdução do presente artigo de maneira mais ampla, referindo-se ao que se entende ter sido uma tendência da cena intelectual europeia daquele momento do século XIX), não se pode de modo algum deixar de mencionar, posto que em síntese, Karl Marx (1818-1883). Em alguma medida, Marx absorve a crítica à religião feita por Feuerbach, mas, ao mesmo tempo, critica o que entendeu ser uma perspectiva *ahistoricista* nessa mesma crítica. Marx concordará que a religião seria uma produção meramente humana, mas se distancia de Feuerbach por esse não ter considerado a determinação social da essência humana, ou seja, para Marx, o *homem* não é uma entidade abstrata, mas um ser concreto que habita uma sociedade concreta em um mundo concreto: “[...] o homem não é um ser abstrato, agachado fora do mundo. O homem é o mundo do homem, o estado, a sociedade” (Marx; Engels, 2008, p. 5). Para Marx e Engels, a religião é uma ilusão que precisa ser abandonada para que a verdadeira felicidade seja alcançada: “A abolição da religião como a felicidade ilusória do povo é exigida para a sua verdadeira felicidade. A exigência de que se abandonem as ilusões sobre as suas condições é a exigência para que se abandonem as condições que necessitam de ilusões” (Marx, Engels, 2008, p. 6).

O apresentado a respeito do tema maior da “morte de Deus” e da consequente crítica da (ou rejeição à) religião nesses três filósofos alemães do século XIX, ainda que feito de maneira deliberadamente sucinta, “homeopática”, serve para introduzir uma parte do *Sitz im leben* intelectual da Europa na primeira metade do século passado, onde se encontrará aquele que é o objeto do presente artigo: Dietrich Bonhoeffer (1906-1945), teólogo luterano alemão cuja influência ultrapassou os limites de sua confessionalidade, visto que é estudado por pesquisadores presentes todo o espectro teológico do cristianismo, por filósofos

(especialmente eticistas) e por pessoas sem religião. Conquanto Bonhoeffer não tenha sido filósofo propriamente, ele conhecia muito bem o contexto intelectual alemão do século XIX e início do XX (Frick, 2021) – logo, estava familiarizado com as críticas que os filósofos mencionados fizeram à religião². Um exemplo: ele menciona (mas sem entrar em detalhes) Feuerbach em carta a Eberhard Bethge datada de 16 de julho de 1944. Anos antes, no semestre de inverno de 1931-1932, em uma palestra intitulada “Die Geschichte der systematischen Theologie des 20. Jahrhunderts” (“A história da teologia sistemática no século 20”), Bonhoeffer afirmou: “[...] duas perguntas de Feuerbach à religião: 1) pela verdade de seus enunciados (ilusão); 2) pela concordância com a vida real. Fundamentalmente não respondidas pela teologia, por isso [surge] também o socialismo” (Bonhoeffer, 2015, p. 486).

Como será demonstrado no decorrer do artigo, ele próprio também teceu uma crítica à religião. A partir dessa constatação, o presente artigo pretende apresentar como Bonhoeffer entendeu o conceito de religião e a natureza da crítica que fez a esse conceito.

Bonhoeffer: síntese de sua vida e obra

Nesta parte inicial do artigo, se apresentará uma síntese da obra e do pensamento de Bonhoeffer para bem dos não muito familiarizados com o autor e sua teologia. Não será demais repetir: o que segue não pretende ser mais que uma introdução que ofereça uma contextualização mínima daquele que tem sido considerado um dos principais e mais influentes pensadores cristãos do século passado. Para tanto, por primeiro é preciso observar que, para quem tiver interesse em leituras mais aprofundadas no tema, há rico e amplo material a respeito, com destaque para aquela que é considerada a biografia definitiva de Bonhoeffer – a saber, a obra de Bethge (2000)³, “seguida de perto” em termos de acuidade histórica e fidelidade de interpretação dos temas e conceitos bonhoefferianos pela obra de Schlingensiepen (2010)⁴. Escritos em português, podem ser mencionados os textos de Malschitzky (2005), Milstein (2006), Cunha Sobrinha (2006)⁵ – autores nacionais – e, ainda, Cavalleri (2019)⁶. Quanto às apresentações de aspectos diferentes da teologia propriamente de Bonhoeffer por autores pátrios, há que se mencionar⁷ Velasques Filho (1977)⁸, Barcala (2010)⁹ e Caldas (2016)¹⁰.

² O crítico da religião com quem Bonhoeffer mais interagiu foi Nietzsche. Para detalhes, consultar Frick (2009, p. 9).

³ A monumental obra de Bethge – mais de mil páginas – é tida por todos os especialistas no tema como a biografia definitiva de Bonhoeffer pelo fato de Bethge ter sido não apenas aluno de seu biografado no seminário teológico clandestino da *Bekennende Kirche* – “Igreja Confessante” – em Finkenwalde, mas também por terem se tornado amigos muito próximos. Ademais, Bethge casou-se com Renate, sobrinha de Dietrich Bonhoeffer. O casal teve um filho e duas filhas, e o filho foi nomeado Dietrich, em homenagem ao tio. Foi devido ao esforço de Bethge em não apenas escrever essa biografia, mas também em editar e publicar escritos e cartas de Bonhoeffer – notadamente o volume que recebeu o título de “Resistência e submissão” – que a obra de Bonhoeffer tornou-se internacionalmente conhecida.

⁴ A essa lista podem ser acrescentadas outra obra de Bethge (1970) e ainda a edição número 32 do periódico *Christianity Today* (1991), inteiramente dedicada a Bonhoeffer, com o título “Dietrich Bonhoeffer: theologian in nazi Germany”. Ver também Matthews (2011).

⁵ Trata-se da versão em português da dissertação de mestrado em Teologia de Miriam Cunha Sobrinha, ascj, Superiora Geral das Apóstolas do Coração de Jesus, defendida na Itália. Uma pesquisa como a de Cunha Sobrinha confirma o potencial ecumênico da obra de Bonhoeffer.

⁶ A obra de Cavalleri, publicada no Brasil por uma editora confessional católica, é mais uma comprovação do interesse ecumênico na teologia bonhoefferiana. Para uma resenha crítica do texto de Cavalleri, consultar Caldas Filho (2020).

⁷ Optou-se por fazer uma apresentação seletiva de livros a respeito de Bonhoeffer por autores nacionais. A lista, sugestiva, não menciona artigos de pesquisadores brasileiros a respeito do teólogo alemão.

⁸ A obra de Velasques Filho é pioneira por ter sido a primeira pesquisa de um brasileiro sobre Bonhoeffer em nível de pós-graduação. Trata-se da versão em forma de livro de sua tese de doutorado em Teologia, defendida na Faculdade de Teologia Protestante da Universidade de Estrasburgo, França, em meados da década de 1970.

⁹ Trata-se de sua dissertação de mestrado em Ciências da Religião, defendida na Universidade Metodista de São Paulo em 2008.

¹⁰ A obra em questão é resultado do estágio de pós-doutorado em Teologia do autor, na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, na condição de bolsista do PNPd-CAPES.

Isso dito, pode-se prosseguir com uma síntese da vida e do pensamento de Bonhoeffer¹¹: ele nasceu em Breslau¹², região da Silésia, em 1906, filho de Paula von Hase e de Karl Bonhoeffer. A mãe era da nobreza alemã, e o pai, médico psiquiatra de renome. O casal teve oito filhos, sendo que Dietrich tinha uma irmã gêmea, chamada Sabine. A família mudou-se para Berlim, onde o Dr. Bonhoeffer, além de clinicar, era professor na Faculdade de Medicina na universidade da cidade. Quando não era mais que um adolescente, Dietrich surpreendeu a todos em sua família quando revelou seu desejo de tornar-se pastor luterano e, para tanto, estudar teologia. Em 1927, quando tinha apenas 21 anos, defendeu tese doutorado na Universidade de Berlim, intitulada “Sanctorum Communio: Eine dogmatische Untersuchung zur Soziologie der Kirche”¹³ (“Sanctorum Communio: um estudo teológico da sociologia da igreja”). Depois de defender sua tese, Bonhoeffer trabalhou durante um período breve em Barcelona, na Espanha, em uma igreja luterana de língua alemã, em uma espécie de estágio preparatório para o exercício do pastorado¹⁴ no qual atendia a imigrantes alemães pobres que saíram da Alemanha, destruída depois da Primeira Guerra Mundial, em busca de melhores condições de vida. Ao retornar ao seu país natal, defendeu sua *Habilitationsschrift* (uma espécie de pós-doutorado, exigido na Alemanha para quem pretende ingressar na vida acadêmica) intitulada “Akt und Sein: Transzendentalphilosophie und Ontologie in der systematischen Theologie” (“Ato e ser: filosofia transcendental e ontologia na teologia sistemática”)¹⁵. Depois disso, Bonhoeffer passou o ano acadêmico de 1930-1931 no Union Theological Seminary, em Nova York, pois fora contemplado com a bolsa *Sloan*, concedida por aquela instituição de ensino a pesquisadores visitantes estrangeiros¹⁶. Nesse tempo, frequentou a Abyssinian Baptist Church no bairro do Harlem, uma escolha no mínimo incomum, que revela muito da personalidade de Bonhoeffer: um alemão luterano branco de classe alta entre norte-americanos batistas negros de classe média-baixa e baixa. Quando regressou ao seu país, encontrou a Alemanha em um período de agitação social intensa por conta da ascensão de Adolf Hitler ao poder. Bonhoeffer desde sempre foi crítico do governo hitlerista. Por conta de sua posição de oposição, envolveu-se com o movimento da *Bekennende Kirche*, a “Igreja Confessante”, ramo da igreja luterana que se tornou contraponto aos *Deutsche Christen*, os “Cristãos Alemães”, que aceitaram de maneira totalmente acrítica a proposta de reconfiguração do cristianismo conforme os princípios do Nacional Socialismo. É desse período sua participação no seminário teológico clandestino de Finkenwalde, que seria eventualmente fechado pela Gestapo. Bonhoeffer depois foi contratado pelo Almirante Wilhelm Canaris para trabalhar na Abwehr, a agência de inteligência alemã¹⁷. Canaris, que era opositor de Hitler, identificou em Bonhoeffer alguém que tinha tudo para ser um integrante do movimento de resistência alemã a Hitler. Sendo pastor, ele não levantaria suspeitas. Bonhoeffer, consciente dos riscos que corria, inicia um muito perigoso jogo duplo: aparentemente levantaria informações para o governo alemão, mas, na verdade, ele estava fazendo o contrário ao relatar o que estava acontecendo de fato na Alemanha a alguns integrantes do então nascente movimento ecumênico internacional, do qual fazia parte. Por fim, Bonhoeffer deu um passo ainda mais ousado ao se envolver em uma conspiração para eliminar Hitler¹⁸.

¹¹ As informações que se seguem são baseadas nas mencionadas biografias de Bonhoeffer, a saber: Bethge (2000), Malschitzki (2005), Cunha Sobrinha (2006), Milstein (2006), Schlingensiepen (2010) e Cavalleri (2019).

¹² Um detalhe curioso é que em Breslau nasceram personalidades que se tornariam famosas: Angelus Silesius, Friedrich Schliermacher, Ernst Cassirer, Norbert Elias e Edith Stein (que, assim como Bonhoeffer, terminou seus dias em um campo de concentração). Depois da guerra, Breslau passou a pertencer a Polônia, tendo seu nome mudado para Wrocław.

¹³ Esse texto de Bonhoeffer ainda não se encontra disponível em português. Para a versão em inglês, consultar Bonhoeffer (2009c).

¹⁴ Observe-se que, nessa época, ele ainda não havia sido ordenado ao pastorado, o que só viria a acontecer em 1931, quando estava com 25 de idade.

¹⁵ Esse é outro texto de Bonhoeffer que também ainda não está disponível em português. Para a versão em inglês, consultar Bonhoeffer (1996).

¹⁶ Para detalhes, consultar Bonhoeffer (2008).

¹⁷ Para detalhes sobre a vida de Canaris, consultar Bassett (2007).

¹⁸ Não se entrará no detalhamento da questão da tentativa de tiranicídio na qual Bonhoeffer se envolveu, porque isso em si é tema – não para um artigo apenas, mas para um livro. Houve, na verdade, cerca de 20 atentados contra Hitler. A tentativa de eliminar Hitler na qual Bonhoeffer se viu envolvido se deu em 20 de julho de 1944 e ficou conhecida como “Operação Valquíria”, famosa pelo filme do mesmo título com o ator Tom Cruise no papel de Claus von Stauffenberg, coronel do exército alemão que liderou o plano que fracassou. Os conspiradores foram presos e executados.

O atentado planejado fracassou e os conspiradores foram presos. Bonhoeffer ficou cerca de dois anos na prisão de Tegel e depois foi transferido para o campo de concentração de Flossenbürg, em Berlim. No dia 9 de abril de 1945, foi executado por enforcamento. Duas semanas depois disso, o exército norte-americano invadiu Berlim e os prisioneiros foram libertados. Conforme o relato de um deles, as últimas palavras de Bonhoeffer antes de ser levado para a forca foram: *Das ist das Ende, für mich der Beginn des Lebens* – “Isto é o fim, para mim é o início da vida”.

Tendo apresentado uma síntese da vida de Bonhoeffer, mostrar-se-á agora, em poucas linhas, quais foram seus principais temas teológicos. Desnecessário dizer que se trata de uma empreitada difícil, pois corre-se o risco de apresentar de maneira superficial um pensamento reconhecidamente denso e complexo. Para fins didáticos, pode-se dizer que a teologia de Bonhoeffer tem três pontos principais: a cristologia, a eclesiologia e a ética. Os três estão interligados, pois sua doutrina da igreja e sua compreensão da ética são diretamente derivadas de sua cristologia. De fato, o que tem sido chamado de “concentração cristológica” de Bonhoeffer resume seu pensamento teológico: como um autêntico luterano “raiz”, Bonhoeffer levou a sério o lema *Solus Christus* – “Cristo somente” – proposto por Lutero no século XVI como sendo uma das bandeiras de seu movimento reformista. A pessoa de Cristo é o tema central de toda teologia bonhoefferiana: Jesus Cristo, revelador de Deus, é o Emanuel, o Deus conosco, o Deus que sofre com os que sofrem. A igreja é a *Gestalt* – “forma” – de Jesus Cristo no mundo, comunidade do *Nachfolge*, o discipulado, desafiada a ver a história na perspectiva dos oprimidos, dos que estão “do lado de baixo” da sociedade. Daí vem a ética, não moralista e nem legalista, mas de responsabilidade para com o outro, para com as vítimas da sociedade. Resumindo: “[...] a cristologia de Bonhoeffer, construída de maneira a um só tempo fiel à tradição e original, é a base para sua compreensão de igreja e desembocará em sua compreensão da ética” (Caldas, 2016, p. 151).

Na próxima parte do artigo será vista a maneira como o teólogo interagiu com Nietzsche e sua crítica à religião.

Bonhoeffer e o pensamento de Nietzsche

Conforme afirmado no último parágrafo da introdução deste artigo, Bonhoeffer conhecia o cenário intelectual alemão do século XIX. Em seu estudo a respeito de como Bonhoeffer interagiu com os filósofos críticos da religião no século XIX, com destaque para Nietzsche, Frick afirmou:

O primeiro encontro de Dietrich Bonhoeffer com a filosofia de Ludwig Feuerbach e Friedrich Nietzsche foi em seu tempo de adolescência. Conforme Eberhard Bethge, quando Karl-Friedrich, irmão mais velho de Bonhoeffer, voltou da Primeira Guerra Mundial, com 19 anos ele leu Feuerbach e discutiu seus textos com a família. Ao final da Primeira Guerra Mundial em 1918 Dietrich Bonhoeffer não tinha mais que 12 anos de idade. Nesta época, Bonhoeffer também teve seu primeiro contato com o pensamento de Friedrich Nietzsche. Este primeiro contato se deu por intermédio de um professor, Martin Havenstein, quando Dietrich Bonhoeffer era aluno do *Gymnasium* Grunewald. Havenstein era especialista em Nietzsche e escreveu a obra *Nietzsche als Erzieher*. Não se sabe com certeza se o estudante de ensino médio Bonhoeffer leu a obra. Todavia, parece razoável admitir que um professor absorvido no pensamento de Nietzsche a ponto de escrever uma obra a respeito do filósofo compartilharia algumas de suas percepções com seus alunos. De Eberhard Bethge, biógrafo de Bonhoeffer, sabemos que em preparação para escrever seu livro *Ética*, Bonhoeffer leu a introdução a Nietzsche que Karl Jaspers escreveu intitulada *Nietzsche*. De acordo com Bethge, Bonhoeffer tinha 8 dos 16 volumes das obras de Nietzsche editadas pela

irmã de Nietzsche. Sabemos também a partir de uma observação de Bethge que o jovem Bonhoeffer leu atentamente tudo de Nietzsche (Frick, 2008, p. 175, grifos do autor, tradução nossa).

De fato, percorrendo textos de Bonhoeffer pode-se perceber que ele tinha bastante conhecimento dos textos de Nietzsche. Um exemplo: em 1926, quando ainda era estudante de Teologia, Bonhoeffer preparou uma exegese e um sermão do texto de Tiago 1.21-25 para a disciplina de Homilética e, em determinado momento de seu sermão, afirmou:

Deus é revelado na palavra sagrada de Deus. Jesus Cristo é o caminho de Deus para a humanidade. Todas as sinalizações humanas no caminho [*Wegtafeln*] estão sujeitas a questionamentos rigorosos quando vistos à luz deste caminho, independentemente das palavras que veiculam; para Deus, para os mistérios, para o mundo dos espíritos, para a alma ou para uma raça super-humana [*Übermensch*] (Bonhoeffer, 2003a, p. 494, tradução nossa).

Um ponto de particular interesse para os propósitos do presente artigo: na crítica que faz à religião (na verdade, como se pretende demonstrar no artigo, a uma maneira específica de entender a religião), Bonhoeffer condena a visão de Deus como sendo um “tapa-buracos” cósmico, uma espécie de gênio da lâmpada. Esse conceito aparece em “Assim falou Zaratustra” (Nietzsche, 1999). Nessa mesma obra de Nietzsche o filósofo afirmou:

Aus Lücken bestand der Geist dieser Erlöser; aber in jede Lücke hatten sie ihren Wahn gestellt, ihren Lückenbüßer, den sie Gott nannten [O espírito destes redentores consistia de lacunas; mas a cada lacuna eles associaram uma ilusão, seu paliativo, a quem deram o nome de Deus]. A mesma alusão a Deus como paliativo é repetida outra vez. Em seu ‘Esboço para um livro’, de agosto de 1944, Bonhoeffer deseja incluir o seguinte no primeiro capítulo: ‘A arreligiosidade do homem tornou-se adulta. ‘Deus’ como uma hipótese operacional, como um paliativo para nossos problemas, tornou-se supérfluo (como já indicado) (Frick, 2008, p. 189, tradução nossa).

O mesmo Frick (2009, p. 96, grifos do autor, tradução nossa), em outro de seus textos comentando como Bonhoeffer interagiu com o pensamento de Nietzsche, afirmou: “Conquanto Bonhoeffer concorde até certo ponto com a crítica de Nietzsche (à religião), busca articular caminhos teológicos e éticos pelos quais o *mündige Mensch* possa de fato superar as formas negadoras de vida do cristianismo que Nietzsche ataca de maneira tão devastadora”.

Não há dúvida que, conforme visto, Bonhoeffer conhecia o pensamento de Nietzsche. Todavia, ao mesmo tempo há que se observar que ele não se estendeu em diálogos com o filósofo. Em uma carta enviada a Bethge datada de 25 de março de 1944 ele menciona, mas sem tecer quaisquer considerações, a conhecida distinção nietzscheana entre apolíneo e dionisíaco. Em “Resistência e submissão” não há nenhum diálogo de Bonhoeffer com ideias nietzscheanas conhecidas, como a reavaliação de valores além do bem e do mal ou mesmo a própria ideia do *Übermensch*. Pode-se concluir que Bonhoeffer levou a sério a crítica de Nietzsche a algumas formas de cristianismo, mas não “fechou” com o filósofo na negação absoluta do transcendente que esse fez.

A crítica teológica à religião em Bonhoeffer

Recapitulando: Bonhoeffer estava familiarizado com a crítica à religião na filosofia produzida em seu país no século XIX, e ele próprio formulou sua própria versão da crítica à religião. Todavia, antes de tecer qualquer consideração a respeito, é imperioso registrar que, por um lado, o tema da “religião” aparece nos textos de Bonhoeffer, mas em nenhum momento ele formulou uma teoria da religião propriamente.

Isso posto, pode-se prosseguir. Se em Feuerbach, Nietzsche e Marx, a crítica à religião é filosófica, em Bonhoeffer a mesma crítica é teológica em sua natureza. Nesse sentido, há que se lembrar que Bonhoeffer foi influenciado por Karl Barth¹⁹, que também elaborou uma crítica à religião em perspectiva teológica (Frick, 2009). A crítica de Barth à religião, seguida por Bonhoeffer, pode ser apresentada como uma escolha: a religião ou a fé. A fé tem a ver com a vida como um todo. Na compreensão cristológica e cristocêntrica de Bonhoeffer, o chamado de Jesus não é a uma religião, mas à vida. Nesse sentido, Bonhoeffer se afasta de Nietzsche, que, conforme visto, criticava o que entendia ser o elemento negador da vida no cristianismo.

Ainda quanto à influência de Barth na crítica teológica à religião em Bonhoeffer, o estudioso alemão Ralf Wüstenberg anota que já em “Sanctorum Communio” pode-se perceber Bonhoeffer seguindo Barth em uma crítica teológica à religião, “[...] antecipando de alguma maneira a interpretação não religiosa das cartas da prisão (Wüstenberg, 2019, p. 322, tradução nossa). O mesmo Wüstenberg esquematiza a posição de Bonhoeffer quanto à religião em três momentos: uma avaliação positiva, seguida de uma avaliação negativa e, por fim, uma tentativa (talvez seja melhor dizer sua intenção) de interpretação não religiosa de conceitos bíblicos (Wüstenberg, 2019, p. 336). Em sua exposição, Rodrigues (2021, p. 99) observa que no início da trajetória acadêmica de Bonhoeffer não se encontra uma crítica à religião:

[...] até o ano de 1926 praticamente não existe crítica da religião nos escritos de Bonhoeffer. Em certo sentido, a religião é vista por ele de maneira favorável, que se relaciona com uma disposição de fé interior e uma postura moral, assim como assume uma forma empírica através da igreja. Contudo, Bonhoeffer prefere entender a religião na perspectiva da revelação – e não a partir da noção psicológica de um a priori religioso na consciência humana.

Mais tarde se encontrará em Bonhoeffer uma crítica à religião se essa for entendida de maneira individualista, egoísta e utilitarista. Já em sua tese doutoral, “Sanctorum Communio”, Bonhoeffer critica a compreensão de uma igreja que existe apenas para satisfazer a necessidade de seus membros (Bonhoeffer, 2009c, p. 159)²⁰. Essa mesma crítica aparecerá nas observações que Bonhoeffer fez ao protestantismo estadunidense, com o qual conviveu durante o ano letivo de 1930-1931, que ele passou em Nova York (Bonhoeffer, 2008). Em “Discipulado”, livro publicado em 1937, certamente a obra mais conhecida de Bonhoeffer, encontra-se a famosa distinção entre graça barata (*billige Gnade*) e graça preciosa (*teure Gnade*). A crítica contundente que Bonhoeffer faz à ideia de graça barata pode ser entendida como crítica à religião. Suas palavras são fortes:

Graça barata é pregação do perdão sem arrependimento [...] [é] a Ceia do Senhor sem confissão de pecado; é absolvição sem confissão pessoal. Graça barata é graça sem discipulado, graça sem a cruz, graça sem Jesus Cristo vivo e encarnado [...] Graça barata é o inimigo mortal da igreja [...] Como corvos, reunimo-nos em torno da carcaça da graça barata. Dela, absorvemos o veneno que matou os seguidores de Jesus [...] é a graça que concedemos a nós mesmos (Bonhoeffer, “Discipulado”²¹, *apud* Haynes; Hale, 2020, p. 105).

Quando “Discipulado” foi publicado, a Alemanha já estava sob o governo nacional-socialista. A máquina de propaganda nazista logrou êxito em promover e divulgar uma reconfiguração do cristianismo à luz dos seus pressupostos políticos, o chamado “Positives Christentum” – “Cristianismo Positivo”²².

¹⁹ Quanto à influência de Barth na formação teológica de Bonhoeffer, consultar Greggs (2011) e Dejonge (2012).

²⁰ A partir dessa crítica de Bonhoeffer a uma compreensão de igreja em perspectiva utilitarista, não é forçado concluir que, se existisse neopentecostalismo em seus dias, ele rejeitá-lo-ia completamente. A propósito, consultar Caldas (2008, p. 131).

²¹ Para a edição crítica de “Discipulado” em inglês, consultar Bonhoeffer (2003b). Para a edição mais recente da obra em português, consultar Bonhoeffer (2016).

²² Para uma exposição crítica do que pode ser considerada uma versão brasileira contemporânea do Cristianismo Positivo alemão, consultar Caldas (2020).

Bonhoeffer vê no Cristianismo Positivo uma forma de vivenciar não o seguimento de Jesus, mas uma religião, voltada para o bem-estar pessoal, com uma “ética” (entre muitas aspas!) totalmente contrária aos ensinamentos de Jesus Cristo. Um único exemplo: enquanto o Cristianismo Positivo não via problema no programa de extermínio de seres humanos considerados como inferiores (especial e principalmente judeus, mas também ciganos, deficientes físicos de qualquer tipo, eslavos e outros grupos minoritários), o seguimento de Jesus tem como bússola o Sermão da Montanha (Mateus 5-7), a base a partir da qual Bonhoeffer escreve “Discipulado” – o Cristianismo Positivo é religião, mas o discipulado é vida de fé. Nesse sentido, Bonhoeffer critica teologicamente a religião, mas não a vida de fé.

Alguns anos mais tarde, encontrar-se-á em Bonhoeffer uma crítica à religião apresentada de maneira um pouco mais explícita. Em carta dirigida a Bethge em 21 de novembro de 1943, ele afirmou:

De maneira bem natural, senti que me serviu de ajuda a instrução de Lutero de ‘benzer-se com a cruz’ por ocasião da oração da manhã e da noite²³. Nisso reside algo objetivo pelo qual se anseia de maneira bem especial aqui. Não te assustes! Certamente não sairei daqui como *homo religiosus!* Muito pelo contrário, aqui a minha desconfiança e o meu medo da ‘religiosidade’ ficaram maiores do que nunca. O fato de os israelitas nunca pronunciarem o nome de Deus constantemente me dá o que pensar e entendo isso cada vez melhor (Bonhoeffer, 2015, p. 184, grifos do autor).

O que pode ser considerado como algo banal, um simples trecho de uma carta, se revela como importante, pois mostra como Bonhoeffer entendia a vida de fé como distinta da religiosidade.

O cristianismo sem religião de Bonhoeffer – breves anotações

Qualquer apresentação da crítica da religião em Bonhoeffer terá que expor um dos seus conceitos mais conhecidos, mais repetidos, mais complexos, mais criativos, mas, com frequência, mais mal interpretados: o cristianismo sem religião. Bonhoeffer não teve tempo de elaborar de maneira ampla e sistematizada o que pensava a respeito. O que se tem dele quanto a isso é fragmentado, apenas alguns trechos em correspondências trocadas com Eberhard Bethge. Não são poucas as tentativas de interpretação do conceito²⁴. Por isso, o que se segue não pretende ser mais que, assim como indicado no enunciado desta parte do artigo, uma apresentação de breves anotações a respeito do tema do cristianismo sem religião em Bonhoeffer.

Em uma sessão de *Widerstand und Ergebung. Briefe und Aufzeichnungen aus der Haft* – “Resistência e submissão. Cartas e anotações escritas na prisão” intitulada “Esboço para uma obra”²⁵, Bonhoeffer (2015, p. 509) apresenta suas considerações sobre “[...] a arreligiosidade do ser humano que chegou à maioria”. Ele prossegue, e faz uma afirmação que (provavelmente) reflete a influência da crítica de Nietzsche à visão metafísica tradicional de Deus: “‘Deus’ como hipótese de trabalho, como tapa-furos para os nossos constrangimentos, tornou-se supérfluo” (Bonhoeffer, 2015, p. 509). Mas isso não quer dizer de modo algum que Bonhoeffer rejeita a ideia de Deus em si. Eis aí o grande equívoco de interpretação dos “teólogos da morte de Deus” dos Estados Unidos dos anos de 1960, como Thomas Altizer e William

²³ Em nota de rodapé explicativa, os editores de “Resistência e submissão” anotaram: “A bênção matutina de Lutero (EG, no 815): ‘Pela manhã, quando levatares, podes benzer-te com o sinal da sagrada cruz e dizer: Em nome de Deus Pai, Filho e Espírito Santo! Amém’. A bênção vespertina de Lutero: EG, no 852.

²⁴ Para uma análise alentada e equilibrada do tema, consultar Würstenberg (1998).

²⁵ “Resistência e submissão” foi publicado postumamente a partir do trabalho de edição de cartas e escritos variados de Bonhoeffer feito por Eberhard Bethge, seu ex-aluno que se tornou seu amigo mais próximo.

Hamilton, que associaram a espécie de paternidade da ideia a Bonhoeffer (Altizer; Hamilton, 1966). No teólogo alemão há uma crítica ao uso que se faz de uma visão metafísica tradicional de Deus, mas não do abandono da crença em Deus. Muito pelo contrário: a visão de cristianismo sem religião de Bonhoeffer leva às últimas consequências a encarnação de Deus em Jesus:

Nossa relação com Deus não é uma relação 'religiosa' com o ser mais elevado, mais poderoso, melhor que se possa imaginar – isto não é transcendência genuína – mas nossa relação com Deus é uma nova vida na 'existência para os outros', na participação do ser de Jesus. O transcendente não são as tarefas infinitas, inatingíveis, mas é o respectivo próximo que está ao alcance. Deus em figura humana! Não como nas religiões orientais, em figuras de animais, como o monstruoso, caótico, distante, terrível; mas tampouco nas figuras conceptuais do absoluto, metafísico, infinito etc.; tampouco na figura grega do homem-Deus, do 'ser humano em si', mas do 'ser humano para outros'! Por isso o crucificado. O ser humano que vive do transcendente (Bonhoeffer, 2015, p. 510).

Antes de prosseguir, há que se registrar a dificuldade que é para todos os estudiosos de Bonhoeffer tratar de maneira adequada de seu conceito de cristianismo sem religião, visto esse ter sido tratado de maneira fragmentada e não sistematizada. Para que se tenha minimamente uma compreensão a respeito, é preciso "garimpar" as cartas que Bonhoeffer enviou a Bethge (que, além de seu ex-aluno e amigo, foi uma espécie de seu "confidente" teológico) entre abril e julho de 1944. Na carta datada de 30 de abril daquele ano, Bonhoeffer afirma (a citação é um tanto longa, mas é necessário fazê-la em benefício de um entendimento do pensamento de Bonhoeffer a respeito do tema, sem dúvida, complexo):

O que poderia causar-te admiração ou talvez até preocupação são, no máximo, as minhas ideias teológicas e suas consequências, e, nesse ponto, sinto realmente muito a tua falta, pois não saberia com quem mais eu poderia falar sobre esses assuntos de tal maneira que representasse uma elucidação para mim. O que me ocupa incessantemente é a questão: o que é o cristianismo ou ainda quem é de fato Cristo para nós hoje. Foi-se o tempo em que se podia dizer isso para as pessoas por meio de palavras – sejam teológicas ou piedosas; passou igualmente o tempo da interioridade e da consciência moral, ou seja, o tempo da religião de maneira geral. Rumamos para uma época totalmente arreligiosa; as pessoas, sendo como são, simplesmente não conseguem mais ser religiosas. Também aquelas que sinceramente se dizem "religiosas" de modo algum praticam o que dizem; portanto, é provável que com o termo 'religioso' estejam referindo-se a algo bem diferente. Porém, toda a nossa pregação e teologia cristãs de 1.900 anos baseiam-se no a priori religioso das pessoas. O 'cristianismo' sempre foi uma forma (talvez a verdadeira) da 'religião'. Ora, se um dia evidenciar-se que esse a priori nem existe, mas foi uma forma de expressão historicamente condicionada e passageira do ser humano, se, portanto, as pessoas tornarem-se radicalmente arreligiosas – e acredito que em maior ou menor grau esse já seja o caso (p. ex, por que esta guerra, diferentemente de todas as demais, não provoca uma reação 'religiosa'?) – então o que isso significa para o 'cristianismo'? Tiram-se as bases de todo o nosso 'cristianismo', da maneira como existiu até agora; e restam apenas alguns poucos 'últimos cavaleiros' ou um punhado de pessoas intelectualmente desonestas que ainda aceitariam uma abordagem 'religiosa'. Acaso seriam esses os poucos eleitos? Devemos atirar-nos, zelosos, rancorosos ou indignados, precisamente sobre esse grupo suspeito de pessoas para vender-lhes a nossa mercadoria? Devemos assaltar um punhado de pessoas infelizes num momento de fraqueza e, por assim dizer, violentá-las religiosamente? Se não quisermos nada disso e se, por fim, tivermos de considerar a forma ocidental do cristianismo apenas como um estágio preliminar de uma arreligiosidade total, que situação surge então para nós, para a Igreja? Como poderá Cristo tornar-se o Senhor também dos arreligiosos? Existem cristãos arreligiosos? Se a religião é apenas uma roupa do cristianismo – e também essa roupa teve aspectos muito diferentes em diferentes épocas o que seria então um cristianismo arreligioso? [...] As perguntas a serem respondidas seriam: o que significam uma igreja, uma

comunidade, uma prédica, uma liturgia, uma vida cristã num mundo arreligioso? Como podemos falar de Deus – sem religião, ou seja, sem os pressupostos temporalmente restritos da metafísica, da interioridade *etc, etc*? como podemos falar (ou talvez nem mesmo se possa mais ‘falar’ disso como até agora) ‘de maneira mundana’ de ‘Deus’? Como podemos ser *ekklesia*, convocados dentre outros, sem nos entendermos como preferidos em sentido religioso, mas como, pelo contrário, totalmente pertencentes ao mundo? Cristo não é mais, então, objeto da religião, mas algo bem diferente, de fato Senhor do mundo. Mas o que significa isso? A disciplina arcana ou a distinção (que já conheces de mim) entre penúltimo e último²⁶ adquirem nova importância neste sentido? (Bonhoeffer, 2015, p. 369, grifos do autor).

Percebe-se que naquele momento Bonhoeffer tinha a intuição de um cristianismo sem religião, e, além disso, tinha muitas perguntas, mas ainda não tinha as respostas. A propósito, Bonhoeffer disse exatamente isso a Bethge na já mencionada carta datada de 16 de julho de 1944: “Estou tentando aproximar-me paulatinamente da interpretação não religiosa dos conceitos bíblicos. Vislumbro mais a tarefa do que propriamente a sua solução” (Bonhoeffer, 2015, p. 484). As perguntas que ele apresenta revelam que ele tinha percepção de um movimento de secularização em curso na Europa de seus dias, e, ao mesmo tempo, uma preocupação pastoral diante dessa situação, preocupação essa que o levou a perguntar (a si mesmo): “o que significa Jesus Cristo para nós hoje?”. O que significa o *Nachfolge*, isto é, o seguimento – Discipulado²⁷ – de Jesus em um mundo cada vez mais secularizado, em uma sociedade na qual a religião é jogada cada vez mais para a periferia da vida?

Cinco dias após a carta da qual trechos foram acima reproduzidos, Bonhoeffer mais uma vez escreve a Bethge, e o tema da arrelgiosidade é novamente trazido para a conversa:

Mais algumas palavras sobre as ideias a respeito da ‘arrelgiosidade’. Decerto te recordas do ensaio de Bultmann sobre a ‘Demitologização do Novo Testamento’. Neste momento, a minha opinião seria que ele não foi ‘longe demais!’, como pensou a maioria, mas que não foi tão longe quanto deveria. Problemáticos não são apenas os conceitos ‘mitológicos’ como milagre, ascensão *etc.* (que em princípio não podem ser separados dos conceitos Deus, fé *etc.*!), mas o próprios conceitos ‘religiosos’. Não se pode separar Deus e milagre (como quer Bultmann), mas precisamos poder interpretar e proclamar a ambos de forma ‘não religiosa’. No fundo, o enfoque de Bultmann não deixa de ser liberal (isto é, redutor do evangelho), ao passo que eu quero refletir teologicamente. O que significa, então, ‘interpretar na perspectiva religiosa’?

Na minha opinião, não significa falar por um lado de forma metafísica e, por outro, de forma individualista. Ambas as formas não atinam nem com a mensagem bíblica nem com o ser humano atual. A pergunta individualista pela salvação pessoal da alma não desapareceu quase completamente de nossa visão? Não temos realmente a impressão de que existem coisas mais importantes do que essa pergunta (- talvez não mais do que esse assunto, mas sim mais do que essa *pergunta!*?)? Sei que dizer isso parece bastante monstruoso. Mas, no fundo, não seria até mesmo bíblico? A questão da salvação da alma ocorre em algum lugar do Antigo Testamento? O centro de tudo não são a justiça e o reino de Deus na terra? Em também em Rm 3.24ss o alvo do raciocínio não seria também a ideia de que só Deus é justo, e não uma doutrina individualista da salvação? O que está em pauta não é o além, mas este mundo e como ele é criado, conservado, estruturado em leis, reconciliado e renovado. O que está além deste mundo quer estar aí para este mundo no evangelho; não digo isso no sentido antropocêntrico da teologia liberal, mística, pietista e ética, mas no sentido bíblico da criação e da encarnação, da crucificação e ressurreição de Jesus Cristo [...] No momento estou refletindo sobre como se poderia reinterpretar no sentido

²⁶ Quanto à elaboração de Bonhoeffer sobre “as últimas e penúltimas coisas”, consultar Bonhoeffer (2009b).

²⁷ “Nachfolge” é o título original de uma das mais conhecidas obras de Bonhoeffer, publicada no Brasil com o título “Discipulado”.

“mundano” – na acepção do Antigo Testamento e de Jo 1.14²⁸ – os conceitos de penitência, fé, justificação, renascimento, santificação. Adiante escreverei mais sobre isso! (Bonhoeffer, 2015, p. 380, grifos do autor).

Mais uma vez, pode-se perceber que a crítica que Bonhoeffer faz é a uma compreensão da religião em termos individualistas, que, via de consequência, são egoístas e egocêntricos. Ele é radical em sua cristocentricidade, e, a partir daí, leva a sério as consequências de ter Cristo no centro da vida. Nas palavras de Barcala (2010, p. 123),

É preciso observar como Bonhoeffer já advertia em suas aulas sobre Cristologia em 1933 que o Ressuscitado e Exaltado é também o Jesus Cristo encarnado, humilhado e crucificado. Com isso, ele prepara o caminho para sua reivindicação de que a única forma de se viver num mundo que expulsou a Deus é participando do sofrimento de Deus no e pelo mundo, conforme revelado em Jesus Cristo.

Outro ponto importante a ser observado é que Bonhoeffer fala de um cristianismo sem religião, mas em nenhum momento propõe ou defende um abandono da *Gemeinsames Leben*, a “vida em comunhão” da comunidade da fé, ou da *Sanctorum Communio*, a “comunhão dos santos”²⁹. Para ele, a liturgia e as práticas devocionais nunca perderam a importância. Nas palavras de Dramm (2007, p. 200, tradução nossa), “Bonhoeffer [...] não identifica o cristianismo sem religião com a eliminação do culto e da oração, antes, pergunta quanto ao lugar adequado (do culto e da oração) no futuro, mais especificamente, em um cristianismo sem religião”. A partir daí é possível afirmar que, para Bonhoeffer, o cristianismo sem religião não é de modo algum sinônimo de secularização. Com isso concorda Dodson (2016, p. 200, tradução nossa): “Bonhoeffer prevê um futuro sem religião. A não religião³⁰ não significa uma secularização desmedida”.

Resumindo: o cristianismo que Bonhoeffer propõe, no cenário de secularização crescente na Europa, no *mündige Welt* (“mundo [tornado] adulto”), e como crítica ao desastre do Cristianismo Positivo é arreligioso, mas consistente e coerentemente cristológico e cristocêntrico.

Considerações Finais

Soa contraditório, no mínimo, falar em crítica à (ou da) religião no pensamento de um homem que não apenas foi teólogo “teórico”, mas também exerceu o pastado. Afinal, o cristianismo não é uma religião? Sendo assim, como pode alguém de dentro da tradição cristã criticar a religião?

A crítica à religião em Bonhoeffer não é um abandono da crença em Deus e nem uma rejeição da metafísica. Em outras palavras: não se trata de um ateísmo puro e simples. Nesse sentido, sua crítica se afasta das críticas de Feuerbach, Nietzsche e Marx. Bonhoeffer parte da observação de que a secularização está a crescer na Europa de seus dias, e que não são poucos os que abandonam a religião institucionalizada. A partir daí, formula sua compreensão da vida cristã, fazendo-o em termos radicalmente cristológicos e cristocêntricos. Fiel ao seu legado luterano, Bonhoeffer enfatiza Jesus Cristo como a revelação definitiva de Deus à humanidade, o Emanuel, “Deus conosco”. Não se trata, de modo algum, de negar a segunda pessoa da Trindade. A questão é de ênfase: Jesus, *vero Deus et vero homo*, é o Verbo encarnado. Em Jesus, ao assumir integralmente a humanidade, Deus se torna fraco e vulnerável e se coloca a serviço das vítimas das injustiças do mundo.

²⁸ “O Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (Bíblia Sagrada, 1993).

²⁹ “Vida em comunhão” é o título de um dos textos de Bonhoeffer (2009a), escrito em 1938, no tempo em que ele estava envolvido com o seminário teológico clandestino da igreja Confessante em Finkenwalde, e “Sanctorum Communio” é o título de sua tese de doutorado em Teologia, defendida na Universidade de Berlim.

³⁰ *Religionlessness* no original.

Percebe-se uma unidade temática entre os primeiros e os derradeiros escritos de Bonhoeffer³¹. Em “Discipulado” encontra-se a ênfase no *Nachfolge*, o seguimento de Jesus. O que alguns poderiam considerar como sendo “apenas” um texto devocional (como se a dimensão da devocionalidade fosse algo inferior), contém *in nuce* o que apareceria anos mais tarde de maneira mais ousada e contundente nas cartas da prisão. Com isso, Bonhoeffer critica a compreensão corrente de religião que havia em seu tempo, que levou muitos a pensarem que ser cristão era algo automático, que acontecia por questão biológica e cultural, ou “por latitude”: se nasceu na Alemanha, automaticamente é cristão. Essa é a “religião vivida” que Bonhoeffer critica e rejeita. Sua crítica não é ao transcendente, mas à religião como tentativa de, a partir da fé, manipular a Deus; ou seja, sua crítica é a uma maneira específica de se vivenciar a religião. Bonhoeffer não apenas critica teoricamente, mas rejeita uma compreensão e uma vivência do cristianismo que pretendem manipular Deus, fazendo dEle uma espécie de “gênio da lâmpada”, poderoso, mas submisso aos interesses e desejos humanos. Coerente com a *theologia crucis* de sua tradição luterana, Bonhoeffer apresenta não a vivência de uma religião, mas de uma fé que se traduz no seguimento daquele que está aí para os outros. A comunidade dos seguidores de Jesus deve, da mesma forma, como a Gestalt de Cristo no mundo, viver não para o seu próprio benefício, mas para os outros.

Referências

- Altizer, T.; Hamilton, W. (ed.). *Radical theology and the death of God*. Indianapolis: Bobbs-Merrill Company, 1966.
- Barcala, M. *Cristianismo arreligioso: uma introdução à cristologia de Dietrich Bonhoeffer*. São Paulo: Arte Editorial, 2010.
- Bassett, R. *Almirante Canarias: misterioso espião de Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- Bethge, E. *Dietrich Bonhoeffer: a biography*. Minneapolis: Fortress Press, 2000.
- Bethge, E. *Dietrich Bonhoeffer: man of vision, man of courage*. New York: Harper & Row, 1970.
- Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- Bonhoeffer, D. *Act and Being*. Transcendental philosophy and ontology in systematic theology. Minneapolis: Fortress Press, 1996. (Dietrich Bonhoeffer Works, English, v. 2).
- Bonhoeffer, D. *Discipleship*. Minneapolis: Fortress Press, 2003a. (Dietrich Bonhoeffer Works, English, v. 4).
- Bonhoeffer, D. *The Young Bonhoeffer: 1918-1927*. Minneapolis: Fortress Press, 2003b. (Dietrich Bonhoeffer Works, English, v. 9).
- Bonhoeffer, D. *Barcelona, Berlin, New York: 1928-1931*. Minneapolis: Fortress Press, 2008. (Dietrich Bonhoeffer Works, English, v. 10).
- Bonhoeffer, D. *Vida em comunhão*. São Leopoldo: Sinodal, 2009a.
- Bonhoeffer, D. *Ética*. 9. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009b.
- Bonhoeffer, D. *Sanctorum Communio*. A Theological Study of the Sociology of the Church. Minneapolis: Fortress Press, 2009c. (Dietrich Bonhoeffer Works, English, v. 1).
- Bonhoeffer, D. *Resistência e submissão*. Cartas e anotações escritas na prisão. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2015.
- Bonhoeffer, D. *Discipulado*. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.
- Caldas Filho, C. R. Dietrich Bonhoeffer, mártir do nazismo. Resenha. *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 18, n. 57, p. 1424-1426, 2020.
- Caldas, C. “Não posso suportar iniquidade associada ao ajuntamento solene”. O “Cristianismo Positivo” tupiniquim. *Revista IHU Online*, v. 552, 2020. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/598306-nao-posso-suportar-iniquidade-associada-ao-ajuntamento-solene-o-cristianismo-positivo-tupiniquim>. Acesso: 1 set. 2022.

³¹ Não se poderá falar em “jovem Bonhoeffer” e “Bonhoeffer da maturidade” (como se fala, por exemplo, sobre textos do “primeiro Marx”) visto que, tendo sido executado com apenas 39 anos, não se permitiu a Bonhoeffer chegar à maturidade – cronológica – de sua vida.

- Caldas, C. Bonhoeffer no Brasil: uma análise do neopentecostalismo brasileiro a partir de uma perspectiva bonhoefferiana. *Caminhando*, v. 13, p. 131-139, 2008.
- Caldas, C. *Dietrich Bonhoeffer e a teologia pública no Brasil*. O conceito bonhoefferiano de 'estar aí para os outros' como pressuposto teórico para a construção de uma teologia pública no Brasil. São Paulo: Garimpo, 2016.
- Cavalleri, G. *Dietrich Bonhoeffer, mártir do nazismo*. São Paulo: Paulinas, 2019.
- Christianity Today. Dietrich Bonhoeffer: theologian in nazi Germany. *Christianity Today*, v. 32, 1991. Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/history/issues/issue-32/>. Acesso em: 21 nov. 2022.
- Cunha Sobrinha, M. *Dietrich Bonhoeffer: cristianismo e testemunho*. Bauru: EDUSC, 2006.
- Dejonge, M. P. *Bonhoeffer's Theological Formation: Berlim, Barth and Protestant Theology*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- Dodson, C. *The God who is Given*. Bonhoeffer's sacramental theology and his critique of religion. 2016. Tese (Doutorado em Teologia) – University of Aberdeen, Aberdeen, 2016.
- Dramm, S. *Dietrich Bonhoeffer: an introduction to his thought*. Peabody: Hendrickson Publishing, 2007.
- Feuerbach, L. *A essência do cristianismo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- Feuerbach, L. *Preleções sobre a essência da religião*. Campinas: Papyrus, 1989.
- Frick, P. Friedrich Nietzsche's aphorisms and Dietrich Bonhoeffer's theology. In: Frick, P. (ed.). *Bonhoeffer's intellectual formation*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2008.
- Frick, P. Nietzsche's Übermensch and Bonhoeffer's mündiger Mensch: are they of any use for a contemporary christian anthropology? In: Frick, P. (ed.). *A dialogue with Dietrich Bonhoeffer*. Collected Essays. Taipei: Chung Yuan Christian University, 2009.
- Frick, P. Bonhoeffer's philosophische Gesprächspartner. In: Tietz, C. (ed.). *Bonhoeffer Handbuch*. Tübingen: Mohr-Siebeck, 2021.
- Greggs, T. *Theology against religion: constructive dialogues with Bonhoeffer and Barth*. New York: T&T Clark, 2011.
- Haynes, S. R.; Hale, L. B. *Bonhoeffer para todos*. Viçosa: Ultimato, 2020.
- Malschitzky, H. *Dietrich Bonhoeffer: discípulo, testemunha, mártir*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- Marx, K.; Engels, F. *Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel*. Covilhã: Lusosofia Press, 2008.
- Matthews, J. W. *Bonhoeffer*. A Brief Overview of the Life and Writings of Dietrich Bonhoeffer. Minneapolis: Lutheran University Press, 2011.
- Milstein, W. *Dietrich Bonhoeffer: vida e pensamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.
- Nietzsche, F. *A gaia ciência*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- Nietzsche, F. *Assim falou Zaratustra*. 20. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- Rodrigues, A. M. *Teologia vs. Religião? A crítica da religião em Barth e Bonhoeffer*. São Paulo: Recriar, 2021.
- Schlingensiepen, F. *Dietrich Bonhoeffer 1906-1945: Martyr, Thinker, Man of Resistance*. London: T & T Clark, 2010.
- Velasques Filho, P. *Uma ética para nossos dias: a evolução do pensamento ético de Dietrich Bonhoeffer*. São Bernardo do Campo: Editeo, 1977.
- Wüstenberg, R. K. *A Theology of life: Dietrich Bonhoeffer's religionless christianity*. Grand Rapids: Eerdmans, 1998.
- Wüstenberg, R. K. Religion and Secularity. In: Mawson, M.; Ziegler, P. G. (ed.). *The Oxford Handbook of Dietrich Bonhoeffer*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

Como citar este artigo/How to cite this article

Caldas Filho, C. R. Crítica à religião no pensamento de Dietrich Bonhoeffer. *Reflexão*, v. 47, e226804, 2022. <https://doi.org/10.24220/2447-6803v47e2022a6804>